

**RESENHA TEMÁTICA****UMA VIDA, UMA EXPERIÊNCIA, UM DEPOIMENTO DO SÉCULO XX**

---

**Wellington dos Santos Figueiredo\***

---

**Resumo**

O presente texto comenta a autobiografia do historiador inglês Eric Hobsbawm. Utilizando-se de sua ciência, a história, o autor narra às experiências vividas durante o século XX.

**Palavras-chave:** Eric Hobsbawm, História, Século XX, Autobiografia, Sociedade.

**Abstract:**

The present text comments the of the self biography english historian Eric Hobsbawm. Using itself of its science, history, the author tells to the experiences lived during century XX.

**Key words:** Eric Hobsbawm, History, 20th century, Self biography, Society.

---

\* Geógrafo. Membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Bauru; do Comitê Editorial da *Revista Ciência Geográfica*; do Conselho Editorial da *Revista Cosmos*; Co-editor do informativo *O Espaço do Geógrafo*. Mestrando do programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática (FAAC) Universidade Estadual Paulista – UNESP – Bauru – SP. E-mail: [wellsfig@neobiz.com.br](mailto:wellsfig@neobiz.com.br)

“A História nunca muda. O que muda sempre são os historiadores”.

Aléxis de Tocqueville (1805-1859), historiador norte-americano.

O vocábulo *história* possui origem grega. Seu significado está atrelado à informação, observação. Na Grécia antiga cunhava-se de *hístōr* uma pessoa dotada de grande cultura. A ação de aquisição de conhecimentos por meio de um *hístōr* era classificada de *historiā*.

Obviamente que a história é algo mais do que apenas observar. Compreender a história é analisar as múltiplas relações sociais protagonizadas pelos seus atores, focalizando-as na arena do tempo e do espaço.

Uma vantagem que alguns historiadores possuem é a de testemunhar fatos. Ao relatá-los o historiador traduz sua visão dos acontecimentos e a construção do cenário em que os atos foram encenados.

É nessa esteira de raciocínio que a obra *Tempos Interessantes: uma vida no século XX*, de autoria do historiador Eric Hobsbawm ganha relevo. O livro é uma autobiografia em que Hobsbawm narra suas experiências e interpretações do século que coincide com sua vida. Por mais profunda que seja sua experiência, o historiador não deve se cobrir de verdades inquestionáveis, transformando seu trabalho em dogma. O autor esclarece nas páginas iniciais que sua obra está a júri tanto da história quanto de seus leitores. “O que busco é o entendimento da história, e não concordância, aprovação ou comiseração” (p.11), sentencia Hobsbawm.

No início do livro o autor retrata sua infância, descrevendo as emoções vividas com seus amigos e familiares e seu contato com as letras durante os primeiros anos escolares. Os episódios nos remetem em uma viagem ao florescer do século XX. É possível conhecer o cotidiano das sociedades européias por intermédio dos costumes exercidos pela população.

A infância de Hobsbawm foi marcada por circunstâncias dolorosas. Problemas financeiros, o pai morto aos 48 anos vitimado por um ataque cardíaco e a mãe levada à tumba por uma doença pulmonar aos 36 anos, são alguns dos nefastos acontecimentos pelos quais passou.

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

A efervescente década de 1930 vivida em Berlim foi decisiva para a composição ideológica de Hobsbawm. Permeado pelo nacionalismo-alemão, a perseguição aos judeus o autor testemunhou o advento do Terceiro Reich. Ao chegar à Alemanha, Hobsbawm já se sentia atraído pelas teorias comunistas, mas foi em solo alemão que a doutrina lhe ganhou raízes. Segundo o autor: “Num vasto guia enciclopédico da literatura alemã contemporânea descobri os poemas (diferentes das canções e peças) de Bertold Brecht. E foi à biblioteca da escola que um professor exasperado – seu nome era Willi Bodsch (...) – me encaminhou, quando anunciei minhas convicções comunistas. Ele me disse com firmeza (e estava correto): ‘O senhor visivelmente não sabe o que está dizendo. Vá à biblioteca e estude o assunto’. Foi o que fiz, e descobri o *Manifesto Comunista*” (p.71). Mas à frente Hobsbawm concretiza a escolha ideológica: “Os meses que passei em Berlim me tornaram comunista para o resto da vida (...) O sonho da Revolução de Outubro ainda está em algum lugar dentro de mim, assim como um texto apagado no computador lá permanece, à espera de que os técnicos o recuperem dos discos rígidos” (p.73). A simpatia pelas teorias marxistas, fez de Hobsbawm um jovem militante. O campo de atuação escolhido foi a SSB (*Sozialistischer Schülerbund* – Federação Socialista dos Estudantes), órgão de atuação contrária aos ideais nazistas. Contudo, sua militância marxista perdeu fôlego quando se mudou para Inglaterra.

Anos depois, ao ingressar na Universidade de Cambridge, a ação política florescia novamente. Daí em diante pôde ver sua concepção marxista amadurecer. “Meu marxismo se desenvolveu como uma tentativa de compreender as humanidades” (p.116) confessa Hobsbawm.

O autor descreve aspectos que compunham a cartilha comunista à época. Entre outros fatores estavam à cega devoção ao Partido Comunista (sempre mencionado com letras maiúsculas), transformação de teorias em dogmas e o Partido estava acima de qualquer projeto social. Muitos colocaram a vida em sacrifício pela causa. Assim Hobsbawm narra trechos que ilustram aqueles momentos: (...) “(Naquele tempo, a idéia de Stalin entre os comunistas estrangeiros era tão sincera, tão natural, tão imaculada pelo que se soube depois, e tão universal quanto genuína dor que sentimos em 1953 por ocasião da morte de um homem que nenhum cidadão soviético desejaria – ou ousaria – chamar por um apelido como ‘tio Joe’ na Inglaterra

ou 'Bigodudo' [Baffone] na Itália). Nossas vidas eram para o Partido. Dávamos tudo o que tínhamos e recebíamos de volta a certeza de nossa vitória e a experiência da fraternidade" (p.155-156).

O mundo mal recolhia os mortos da Segunda Guerra Mundial quando ingressa em outro momento sombrio: a Guerra Fria. Durante esse período, o mundo dividiu-se em áreas de influências norte-americana (capitalista) e soviética (comunista). A vigilância ideológica neste momento histórico era constante.

Mesmo sob certa reserva, as diferenças de coibição ideológica na Inglaterra não assumiram o grau de histeria do macarthismo norte-americano. Dentro do Partido Comunista inglês era possível desfrutar de fraternidade. "... O Partido era o único lugar em que judeus e árabes se misturavam como amigos e iguais" (p. 207). Contudo, o fantasma da censura assombrava os comunistas como relata Hobsbawm: "... não há dúvida de que o princípio da liberdade de expressão não se aplicava ao comunismo e às opiniões marxistas, pelo menos nos meios oficiais de comunicação" (p. 207). Defender o comunismo, segundo o autor, ainda era motivo de exclusão por meio de seus pares intelectuais conforme mostra a seguinte passagem: "O que tornava intolerável à retórica dos liberais da Guerra Fria era sua convicção de que todos os comunistas eram simplesmente agentes do inimigo soviético e de que portanto nenhum comunista poderia, de boa-fé, ser membro da comunidade intelectual" (p. 208).

Interrogações permearam o cotidiano de intelectuais comunistas na década de 1950. Dois fatos foram protagonistas deste ato: a morte de Stalin (1953), e a realização do XX Congresso do Partido Comunista (1956), evento em que Nikita Kruchev tornou público os crimes stalinistas. "Existem dois 'dez dias que abalaram o mundo' na história do movimento revolucionário do século passado: os da Revolução de Outubro, descritos no livro de John Reed com esse título, e o XX Congresso do Partido Comunista soviético (14-25 de fevereiro de 1956). Ambos dividem repentina e irrevogavelmente em 'antes' e 'depois'. Não posso imaginar nenhum acontecimento comparável na história de qualquer movimento ideológico ou político importante. Em poucas palavras, a Revolução de Outubro criou um movimento comunista internacional; o XX Congresso o destruiu" (p. 226).

Mesmo sobre os escombros do XX Congresso o ideal comunista resistia. Contudo, a própria incoerência presente entre seus membros fragilizam a ideologia. As atrocidades cometidas por governos comunistas eram conhecidas e raramente condenadas por seus cúmplices.

Deste enfraquecimento Hobsbawm assinala um exemplo político que aconteceria na Inglaterra décadas depois: a ascensão de Margareth Thatcher ao comando do país. Segundo o autor “o triunfo de Thatcher é um subproduto da derrota dos trabalhistas” (p. 297). A derrota dos adversários ilustrou pura e simplesmente “... a simples recusa de alguns da esquerda e olhar de frente os fatos desagradáveis”. (p. 297). Assim a Inglaterra pode presenciar que o Stuart Hall classificou como “O Grande Show Ambulante da Direita” (p.303).

Mesmo com o fracasso visível do comunismo real, Hobsbawm sempre faz questão de desfraldar sua bandeira. Aponta que a derrota e esfacelamento do principal país comunista do mundo não significam a vitória do capitalismo. “O mundo ainda pode vir a lamentar, confrontado com a alternativa de Rosa Luxemburgo entre socialismo ou barbarismo, que tenha optado contra o socialismo” (p.310), arremata o historiador em tom nostálgico e utópico.

Hobsbawm não se limitou apenas à Inglaterra. Sua vida acadêmica ultrapassou continentes. Lecionou nos Estados Unidos. Fez visitas e pesquisas na América e África.

Esteve no Brasil durante o Governo Militar. Desta experiência em nosso país narra as seguintes impressões: “(...) fui convidado para dar uma palestra em 1975 sobre um tema vagamente definido como ‘História e Sociedade’ na universidade sobre a qual tinha sido consultado, cujo corpo discente – talvez não surpreendentemente – era passionalmente hostil ao regime. Isso não era um acaso. A imprensa, que dedicou espaço desproporcional a um acontecimento acadêmico na província, embora de maneira nem sempre precisa (*O Estado de S. Paulo* me caracterizou como ‘irlandês de nascimento’), exagerou em dar ênfase à minha ‘formação marxista’. Na verdade, como me disseram jornalistas amistosos, em meados dos anos 70 o regime começara a relaxar um pouco, e a conferência de Campinas foi parte de um esquema mais amplo para testar a medida de liberalização que se

dispunha a tolerar. Que teste mais eficaz poderia haver do que anunciar o convite a um conhecido marxista, alguém cujas idéias não acadêmicas seriam provavelmente aplaudidas com entusiasmo pelos estudantes – como na verdade foram – e dar considerável publicidade ao acontecimento? Esse foi um exemplo característico da admirável combinação brasileira de coragem cívica e inteligência, jamais aceitando a ditadura e jamais deixando de pressionar além do limite da tolerância. É verdade que os generais brasileiros não eram tão sanguinários como outros na América Latina, mas o regime tinha as mãos sujas de sangue e havia risco de prisão e tortura. Mas a oposição calculara bem: o regime estava pronto a ceder” (p. 338). (...) “Ninguém que descubra a América Latina consegue resistir à região, sobretudo se o primeiro contato for com os brasileiros” (p. 403).

O autor esbanja simpatia pelos Estados Unidos governado por Franklin Delano Roosevelt e seu Estado de Bem-Estar Social. Porém, o charme à terra do Tio Sam é pontual. Hobsbawm tece críticas ao comentar a sociedade norte-americana. Diz-se feliz porque seus filhos não foram criados nesse país. Sobre o modelo de sociedade estadunidense comenta: “Nosso problema não é que nós estejamos americanizados. Apesar do fortíssimo impacto da americanização cultural e econômica, o resto do mundo, e até mesmo o mundo capitalista, até agora tem mostrado surpreendente resistência a seguir o modelo de sociedade e da política americanas. Isso ocorre provavelmente porque a América é menos um modelo social e político coerente, e portanto exportável, de democracia capitalista liberal, baseado em princípios de liberdade individual, do que sugerem sua ideologia patriótica e Constituição. Por isso, longe de ser um exemplo claro, capaz de ser imitado pelo resto do mundo, os Estados Unidos, ainda que poderosos e influentes, continuam a ser um processo inacabado, distorcido pelo poder do dinheiro e pela emoção pública, de manipulação das instituições públicas e privadas a fim de se fazê-las adequar-se a realidades imprevisas o texto intolerável de uma Constituição de 1787” (p.446).

Na última frase de sua autobiografia Hobsbawm deixa a seguinte mensagem: “O mundo não vai melhorar sozinho” (p. 455). É um alerta. Um convite de um historiador que testemunhou grande parte dos acontecimentos que marcaram o século XX. E

Ano II	Volume II	Nº 4	Janeiro/Junho 2006	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
--------	-----------	------	--------------------	----------------	----------------

pode dizer com segurança que as sociedades caminham para a direita, para a esquerda, para frente e para trás.

### Referência

HOBBSAWM, Eric. Tempos Interessantes: uma vida no século XX. Tradução: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 486 páginas.

